SSOAR

Open Access Repository
www.ssoar.info

Cultura do Estupro: uma análise de conteúdo sobre a percepção dos usuários via Twitter

Fonseca, Pedro Augusto Almeida; Alves, Vítor de Lima; Lima, Lício Martins de

Veröffentlichungsversion / Published Version
Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:
Fonseca, P. A. A., Alves, V. d. L., & Lima, L. M. d. (2017). Cultura do Estupro: uma análise de conteúdo sobre a percepção dos usuários via Twitter. *Idealogando: revista de ciências sociais da UFPE*, *1*(1), 75-84. https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-57072-8

Nutzungsbedingungen:
Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier:
https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de

Terms of use:
This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more Information see:
https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0

gesis
Leibniz-Institut
für Sozialwissenschaften

Mitglied der
Leibniz-Gemeinschaft

Cultura do Estupro:
uma análise de conteúdo sobre a percepção dos usuários via Twitter.

Pedro Augusto Almeida da FONSECA[1]
Vítor de Lima ALVES[2]
Lício Martins de LIMA[3]

RESUMO

A espontaneidade e sensação de impessoalidade que as mídias sociais trazem, proporcionam um ambiente ideal para os usuários expressarem o que realmente sentem e pensam sobre determinado comportamento ou evento. Visto o caso do estupro coletivo no Rio de Janeiro no último mês de maio, decidimos fazer uma análise de conteúdo dos *tweets* postados sobre o tema. Um ponto fundamental para nossa análise foi a literatura sobre cultura do estupro feita previamente, além da repercussão do caso na sociedade. Para tal, criamos uma nuvem de palavras e uma análise de cluster com um banco de dados extraídos do Twitter, aonde foi possível perceber as tendências das postagens dos usuários.

Palavras-chave: Mídias sociais. Estupro coletivo. Cultura do estupro. Análise de conteúdo. Twitter.

INTRODUÇÃO

Entre os dias 26 e 27 de maio, começaram a aparecer nas redes sociais vídeos de uma adolescente do Estado do Rio de Janeiro, inconsciente, sendo abusada sexualmente por "mais de 30 caras", segundo um dos rapazes presentes nas filmagens. Até o presente momento (8 de julho), 33 homens já foram reconhecidos, sendo sete indiciados pelo crime de estupro pela Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro e quatro pedidos acatados pelo Ministério Público.

[1] Graduando do curso de Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais. Membro do Instituto de Estudos da Ásia (UFPE) e do Núcleo Disciplinar de Pesquisa em Direito e Sociedade (NPD/UFRPE)
[2] Graduando do curso de Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais da UFPE. Fez iniciação científica nas áreas de Comportamento Político e Estatística Aplicada. Membro do Instituto de Estudos da Ásia (UFPE).
[3] Graduando do curso de Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais da UFPE e bolsista de do projeto de extensão do Núcleo de Gestão Urbana e Políticas Públicas (NUGEPP).

Além disso, as investigações ainda estão ocorrendo para se achar os outros autores desse crime.

A repercussão que esse caso ganhou nacionalmente foi enorme, e com isso, a sociedade começou a dar suas opiniões sobre o fato, sendo tanto de apoio à vítima, quanto de culpabilização da mesma.

Desse modo, como foi a percepção dos usuários do Twitter sobre o caso do estupro coletivo divulgado pelas mídias sociais entre os dias 26 e 27 de maio de 2016? O presente artigo busca analisar uma série de *tweets* para observar a reação dos internautas sobre o caso que chocou o país e o mundo e corroborou para afirmação que existe um cultura de culpabilização da vítima, além da relativização do crime de estupro, crime este previsto no código penal (CP), no Art. 213[4], que foi alterado pela lei 12.015/2009 que ampliou a definição de estupro.

Para tais fins, fizemos uma breve revisão bibliográfica sobre análise de conteúdo para poder definir melhor nossa atuação e consequente garimpagem de dados. Após isso, por meio do software de programação R[5], extraímos os dados necessários para "rodar" a análise, que foi finalizada numa nuvem de palavras e análise de cluster.

Umas últimas motivações para o uso do Twitter foram os seis pontos citados por Wasim Ahmed (2015), pós-doutorando na *London School of Economics*. São eles:

- Ser uma plataforma popular;
- Ser fácil de achar e seguir as conversas de interesse;
- Normas de *hashtag* que deixam a coleta de dados mais fáceis;
- Por causa dos incidentes ficarem centrados em *hashtags*, torna-se mais fácil de obter retorno;
- O *API* ser mais aberto e acessível do que o de outras mídias sociais;
- A experiência pessoal dos pesquisadores, que o consideram como uma plataforma familiar.

[4] "Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso" (CP, art. 213, *caput).*
[5] Software livre para computação estatística e gráficos.

METODOLOGIA

A metodologia de análise de conteúdo vem ganhando um grande interesse no campo de pesquisas qualitativas. Segundo Moraes (1999) a análise de conteúdo faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Diante disso, faremos uma breve revisão bibliográfica sobre a metodologia.

Para Olabuenaga e Ispizúa (1989), a análise de conteúdo pode ser conceituada como uma técnica para ler e interpretar uma vasta classe de documentos, cujo o intuito é adquirir conhecimento sobre aspectos e fenômenos da vida social. Assim, a análise de conteúdo seria um método válido e replicável para a realização de inferências específicas sobre o texto ou outras propriedades do objeto de estudo. (KRIPPENDORF, 1969).

Bardin (2004) se refere à Análise de Conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos que se aperfeiçoa constantemente e que se aplica a discursos diversificados. Para Weber (1990: 19) a análise de conteúdo envolve o desenvolvimento de uma série de procedimentos para fazer inferências a partir de textos. Já Moyser e Wagstaffe (1987: 20) afirmam que a análise de conteúdo é um método capaz de usar ou manipular símbolos e de investir em comunicação com significado.

Moraes (1999) mostra que mesmo que diferentes autores proponham diversos tipos de processos para análise de conteúdo, podemos observar cinco etapas que constituem o processo de análise. Temos Preparação das informações; unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição e a interpretação dos dados.

Assim, a metodologia de análise de conteúdo seria um conjunto de técnicas de análise e investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação (BERELSON, 1952; BARDIN, 2004).

Cultura do Estupro

O termo cultura do estupro foi inicialmente utilizado na década de 1970 pelo movimento feminista norte-americano para mostrar como a vítima era culpabilizada pelo abuso sexual e como o comportamento sexualmente agressivo dos homens era visto como algo normal pela sociedade.

A cultura do estupro é uma construção que envolve crenças e normas de comportamento, estabelecidas a partir de valores específicos, que acabam banalizando, legitimando e tolerando a violência sexual contra a mulher. O movimento feminista tem proporcionado definições sobre o termo. Emilie Buchwald (1994) em seu livro "*Transforming a Rape Culture*", define cultura do estupro como:

> "[...] a complex set of beliefs that encourage male sexual aggression and supports violence against women. It is a society where violence is seen as sexy and sexuality as violent. In a rape culture, women perceive a continuum of threatened violence that ranges from sexual remarks to sexual touching to rape itself. A rape culture condones physical and emotional terrorism against women as the norm [...] In a rape culture both men and women assume that sexual violence is a fact of life, inevitable [...] However [...] much of what we accept as inevitable is in fact the expression of values and attitudes that can change." (BUCHWALD, FLETCHER and ROTH 1994).

Para as Nações Unidas, o termo é "usado para abordar as maneiras em que a sociedade culpa as vítimas de assédio sexual e normaliza o comportamento sexual violento dos homens. Ou seja: quando, em uma sociedade, a violência sexual é normalizada por meio da culpabilização da vítima, isso significa que existe uma cultura do estupro." (ONU, 2016).

Assim, a cultura do estupro é uma consequência da naturalização de atos e comportamentos machistas, sexistas e misóginos, que estimulam agressões sexuais e outras formas de violência contra as mulheres. Esses comportamentos se manifestam das mais diversas formas, incluindo cantadas de rua, piadas sexistas, ameaças, assédio moral ou sexual, estupro e feminicídio, como afirma um boletim da ONU que trata do tema.

As decorrências da naturalização de comportamentos violentos contra as mulheres possuem graves reflexos sociais. De acordo com os dados mais recentes, estima-se que a cada 11 minutos uma mulher sofra abuso sexual no país[6]. Em 2014, aproximadamente 50 mil pessoas foram vítimas de estupro no Brasil. Contudo, segundo estimativas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 527 mil pessoas são estupradas por ano no país, ou seja, um número cerca de 10 vezes maior do que o noticiado, sendo cerca de 89% das vítimas pertencentes ao sexo feminino (CERQUEIRA e COELHO, 2014). Essa estimativa se dá pelo fato de que apenas uma em cada dez vítimas chega a denunciar o ocorrido às autoridades.

[6] 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//anuario_2015.retificado_.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2016.

1. Análise de Conteúdo no Twitter

Antes de começarmos a análise, devemos justificar a escolha do Twitter com o seguinte trecho:

> "[...] Opportunities and mechanisms for participation by members of the public are expanding the information arena of disaster. Social media supports backchannel communication, allowing for wide-scale interaction between members of the public that has qualities of being collectively resourceful, self-policing and generative of information that cannot otherwise be easily obtained." (SUTTON, PALEN and SHKLOVSKI 2008)

O artigo acima citado, mesmo se tratando de eventos de desastre, abriu uma corrente de discussões sobre o uso do Twitter em outras áreas, inclusive sendo citado em sites e pesquisas sobre a cultura do estupro. A pesquisadora britânica Sam Martin, em seu blog *digitalcoeliac.com*, o utiliza como uma de suas referências em sua pesquisa sobre o estupro cometido por um jogador de futebol inglês em 2011. Além dessas duas referências, Ahmed (2015) demonstrou a importância do Twitter para representar a opinião das pessoas, pelo motivo de tornar mais fácil de agrupar os dados por causa das *hashtags*.

Escolhemos como termos de procura "*#EstuproNaoÉCulpaDaVitima*", pois na manhã do dia 27 de maio, tornou-se o segundo maior *trending topic* do Twitter no Brasil, e quinto dos *trending topics* mundiais. Já para a análise de cluster, utilizamos o termo "*#EstuproColetivo*", pois os dados. A nossa amostra foi de 10.000 *tweets*, por ser usado na maioria das pesquisas de análise de sentimento - método de análise derivado da análise de conteúdo - que tivemos contato. Este artigo não teve a necessidade do parecer do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP).

Para realizar a análise, utilizamos o RStudio 3.3.0[7]. Os pacotes utilizados foram: *twitteR*[8]; *wordcloud*[9]; *tm*[10] e *plyr*[11]. Para se ter acesso aos dados, é necessário criar uma conta de desenvolvedor[12] no *Twitter Rest API*. O site fornecerá chaves de autorização para que se possa garimpar os dados. Após a garimpagem, os *tweets* são salvos num banco de dados, para que se possa trabalhar com eles. Depois de uma "limpeza" da amostra, selecionamos as palavras mais frequentes no banco de dados e rodamos a nuvem de palavras. Quanto maior o tamanho da dentro da nuvem, indica a frequência no banco de dados.

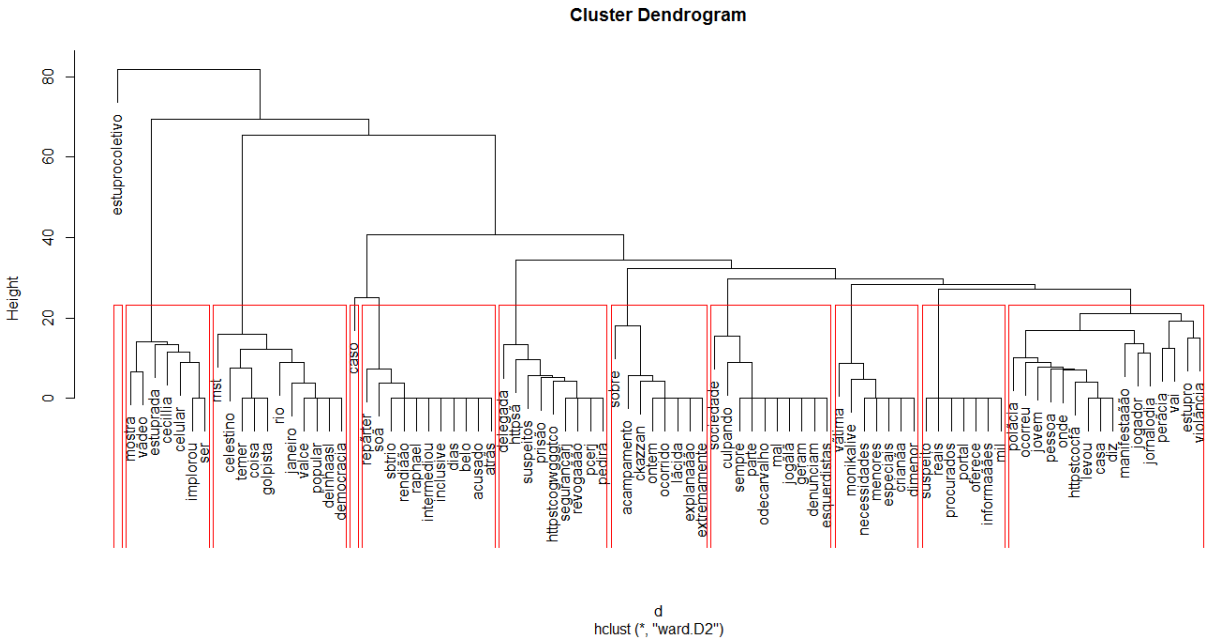
---

[7] Software livre de ambiente de desenvolvimento integrado para R.
[8] TwitteR é um pacote de R que dá acesso à API do *Twitter*. A maioria das funcionalidades da API é suportado, com um viés para chamadas de API que são mais úteis na análise de dados em oposição a interação diária.
[9] Pacote usado para fazer "nuvens de palavras bonitas", segundo seu desenvolvedor.
[10] Usado como um framework para garimpagem de texto no R.
[11] Conjunto de ferramentas que servem para dividir, aplicar e combinar dados.
[12] dev.twitter.com/rest/public

Uma nuvem de palavras é uma lista hierarquizada visualmente que serve para apresentar os itens de conteúdo de uma determinada análise. Assim, foi montada uma nuvem de palavras com no máximo 100 palavras, já que uma nuvem com um número maior poderia comprometer a visualização e a análise das palavras.

Salientamos as palavras por frequência, em que as palavras de cor alaranjadas são as que aparecem mais. Contudo, a nuvem de palavra, por si só, mostra apenas os termos de modo singular, sem fazer nenhuma conexão entre eles. Os termos mais citados, segundo os dados levantados, foram "cecillia", "vãdeo" (vídeo), "celular", "mostra" e "estuprada".

Fizemos também uma clusterização hierárquica pelo método da variância mínima de Ward, para observarmos a similaridade das palavras. Este método foi proposto por Ward (1963) e tenta minimizar a soma dos quadrados dentro do grupo.



Notamos 11 grupos, dos quais dois chamam atenção para o debate. O primeiro grupo a ser observado é o a favor da vítima, tendo as palavras "estuprada", "implorou", "celular" e "cecillia". Além disso, as palavras dentro deste grupo foram também as mais citadas, como mostrou a nuvem de palavras. Já o segundo grupo citado, nota-se uma culpabilização da vítima, ou seja, uma retomada à cultura do estupro, tendo as palavras "culpando", "odecarvalho" (@OdeCarvalho, perfil de Olavo de Carvalho), "esquerdistas" e "mal" como fatores que colaboram para essa análise.

CONCLUSÃO

Como resultado das análises, percebemos que mesmo com a maior parte do conteúdo analisado ser "positivo" (de apoio) e "neutro" (de caráter informativo), ainda há uma forte representação de conteúdo "negativo", que visa relativiza ou suavizar o crime e culpabilizar a vítima pelo ocorrido. Isso corrobora com nossa hipótese de que há uma cultura do estupro presente na população abordada no artigo (usuários do *Twitter*), pois houveram dados significativos nas amostras que apontassem para tal fato. Mostrando, dessa maneira, um reflexo, mesmo que imperfeito, de um comportamento presente na sociedade brasileira.

A contribuição pretendida por este artigo é participar de uma nascente área de pesquisa em nosso país que é a análise de conteúdo das redes sociais. Além de contribuir, principalmente com os prováveis erros cometidos, para o aperfeiçoamento e desenvolvimento dessa área na ciência política brasileira, principalmente na graduação.

Seguindo o princípio de replicabilidade de King (1995), os dados e os comandos serão disponibilizados posteriormente para todos que quiserem testar a validade do trabalho.

Uma sugestão que pode ser feita para complementar esse trabalho seria uma análise de sentimento dos termos, porém ainda não há um banco de sentimentos disponível em português. Um dos percalços sentidos no desenvolvimento deste artigo é a manipulação dos dados de maneira mais sóbria, visto que até a presente conclusão do artigo, não conseguimos encontrar os comandos certos para o *software* ler de maneira correta alguns *tweets*. Tal problema, posteriormente, será resolvido por um aprofundamento maior na lógica linguística do *software* usado.

REFERÊNCIAS

AHMED, W. **Using Twitter as a data source: An overview of current social media research tools**. Londres: The Impact Blog – The London School of Economics and Political Science, 2015. Disponível em: <http://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2015/07/10/social-media-research-tools-overview/>. Acesso em: 06 jun. 2016.

BRASIL. Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei nº 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. **Presidência da República:** Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm>. Acesso em: 7 jul. 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70 Ltda. 3 ed., 2004.

BERELSON, B. **Content analysis in communication research.** 1952.

BUCHWALD, E.; FLETCHER, P.; ROTH, M. **Transforming a Rape Culture.** Milkweed Editions; Reprint edition. 1994.

CERQUEIRA, D. e COELHO, D. S. C. **Nota Técnica - Estupro no Brasil: Uma radiografia segundo os dados da Saúde**. Brasília: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2016.

KING, G. Replication, Replication. *PS:* **Political Science and Politics**, v. 28, p 444-452, 1995.

KLOTZ, A. e PRAKASH, D. **Qualitative methods in international relations:** a pluralist guide**.** New York: Palgrave Macmillan, 2008.

KRIPPENDORFF, K. **Models of messages**: three prototypes**.** In: GERBNER, G.; HOLSTI, O.R.; KRIPPENDORFF, K.; PAISLY, G.J.; STONE, Ph.J. The analysis of communication content. New York: Wiley, 1969.

MARTIN, S. **Rape Culture and Twitter Abuse:** Visualising Twitter's reaction to the Ched Evans Rape Case. Digital Coeliac. Disponível em: <http://www.digitalcoeliac.com/rape-culture-twitter-abuse>. Acesso em: 30 jun. 2016.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOYSER, G. e WAGSTAFFE, M. **Research Methods for Elite Studies.** London: Allen and Unwin. 1987

OLABUENAGA, J.; ISPIZÚA, M. **La descodificacion de la vida cotidiana:** metodos de investigacion cualitativa. Bilbao, Universidad de Deusto, 1989.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Por que falamos de cultura do estupro?**. ONUBR. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/por-que-falamos-de-cultura-do-estupro/>. Acesso em: 6 jul. 2016.

SUTTON, J., PALEN, L., SHKLOVSKI, I. **Backchannels on the Front Lines:** Emergent Use of Social Media in the 2007 Southern California Fires. Proceedings of the 2008 Information Systems for Crisis Response and Management Conference (ISCRAM 2008), Washington, D.C., pp. 624-631, 2008.

WARD, H. Hierarquical grouping to optimize an objective function. **Journal of the American Statistical Association**, v. 58, p. 236 – 244. Mar. 1963.

WEBER, R. **Basic content analysis.** 2 ed. Newbury Park: SAGE, 1990.

ABSTRACT

The spontaneity and the sense of impersonality that the social medias have nowadays provide an ideal environment to users to express what they feel and think about certain behavior or event. Analyzing the case of the collective rape in Rio de Janeiro state last May, we decided to do a content analysis of the tweets made about the theme. A fundamental point to our analysis was the literature about rape culture made previously, beyond the repercussion that the case gained in the Brazilian society. To this effect, we plotted a word cloud and a cluster analysis with a database extracted from Twitter, where it was possible to perceive the users' tendencies.

Keywords: Social medias. Collective rape. Rape culture. Content analysis. Twitter.

Recebido em 02.11.2016

Aprovado em 30.11.2016